

# A IMPORTÂNCIA DOS CONTEXTOS DE ATENÇÃO CONJUNTA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO INFANTIL

Carolina Silva Medeiros \*

## Resumo

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre aspectos relacionados ao desenvolvimento sociocognitivo infantil, com foco no desenvolvimento linguístico e na relação estabelecida com os contextos de atenção conjunta. Com base em uma perspectiva sociointeracionista, considera-se primordial as interações sociais entre o adulto-bebê, para que a linguagem seja adquirida. A atenção conjunta acontece quando, em uma relação diádica, o foco da atenção passa a ser dividido para um evento ou objeto exterior à relação. É por meio das cenas de atenção conjunta que as bases sociocognitivas necessárias para a comunicação simbólica se estabelecem. Estudos revelam que os contextos de atenção conjunta atuam como preditores no desenvolvimento linguístico. Considera-se que presença da atenção conjunta no início do desenvolvimento infantil será um diferenciador para a aquisição linguística, posto que promove o estabelecimento de um foco conversacional, através de um contexto comum tanto à criança quanto à pessoa com a qual se relaciona.

\* Universidade Federal da Paraíba

**Palavras-chave:** atenção conjunta; linguagem; interação social.

A linguagem é uma das principais formas utilizadas pelos seres humanos para se comunicarem e tem por função a transmissão de ideias, pensamentos, sentimentos e até mesmo de costumes e regras culturais (Borges & Salomão, 2003). Considera-se que a linguagem pode ser caracterizada por um sistema de signos cujo objetivo é o compartilhamento de uma mensagem a ser codificada por um receptor.

Historicamente, os estudiosos da linguagem apresentavam uma preocupação eminentemente descritiva, isto é, descrevia-

se a linguagem em seus componentes, entre os quais os significantes e os significados de uma determinada palavra.

No entanto, posteriormente, com os estudos e pesquisas envolvendo a pragmática, percebeu-se a importância de compreender a linguagem dentro de um contexto, posto que se considera que este (o contexto) estará norteando e dirigindo o uso que irá se fazer da linguagem bem como a quem e em que situação será utilizada.

Diante da importância de compreender a linguagem nas relações





socialmente estabelecidas, os estudiosos da Perspectiva da Interação Social (Pine, 1994; Bates, Dale & Thal, 1997; Snow, 1997) postulam que são nas primeiras trocas interacionais que a linguagem se faz presente.

Nos primeiros meses de vida do bebê e nas interações que estabelece com o principal cuidador, que geralmente é a mãe, a comunicação se consolidará por meio do choro, dos gorjeios, dos sorrisos, das expressões faciais e das trocas mútuas de olhares. Dentro de uma perspectiva bidirecional, é fundamental que tanto a mãe quanto o bebê sejam agentes ativos da interação, uma vez que o comportamento de um estará influenciando o comportamento do outro.

Logo, é no primeiro ano de vida que o bebê adentrará no universo cultural em que a linguagem atua como principal veículo de comunicação. A maior parte da comunicação no primeiro ano de vida consiste em uma comunicação do tipo não verbal, sobretudo presente no bebê, visto que o adulto, além de utilizar esta forma de se expressar, também faz uso de referentes linguísticos verbais, como forma de envolver o bebê na relação e com isso, facilitar o engajamento entre ambos.

Pouco tempo depois, por volta da primeira metade do segundo ano de vida, os bebês serão capazes de formar pequenas sentenças com duas palavras, o que já indica o início da aquisição de um vocabulário (Rescorla, 1989). Mas, para que o avanço linguístico do bebê aconteça da forma esperada, é fundamental considerar o contexto em que está inserido, as trocas com o principal cuidador e os usos e ajustes que se faz da linguagem (mesmo que não sejam diretamente para o bebê), haja vista que estes serão primordiais para a aquisição de diferentes vocábulos. Ademais, Pérez-Pereira (2004, p.161) afirma que “aprender a falar exige da criança a capacidade de expressar conteúdos em formas linguísticas convencionais e de maneira apropriada ao contexto”.

Precisamente, por volta do nono mês de vida, o bebê demonstrará a habilidade em compartilhar com um adulto a atenção para com um objeto ou um evento. A esta capacidade dá-se o nome de atenção conjunta, que, em termos específicos, acontece quando, em uma relação diádica, o foco da atenção passa a ser dividido para um evento ou objeto exterior à relação. Estudos desenvolvidos (Tomasello, 2003; Aquino & Salomão, 2009) demonstram que a presença de contextos de atenção conjunta atua como preditor na aprendizagem das palavras.

Com base nas afirmações já expostas, o presente ensaio discorre acerca do que é a atenção conjunta e da sua importância para o desenvolvimento e para a aquisição da linguagem, através de um breve levantamento de alguns estudos realizados que envolvem a temática em questão.

A atenção conjunta se caracteriza por comportamentos não verbais presentes em uma relação em que, além do adulto e do bebê, há o compartilhamento da atenção para com um terceiro evento ou objeto. Segundo Kaplan e Hafner (2006), a atenção conjunta é mais que olhar mútuo ou acompanhamento do olhar. Trata-se de um processo ativo e bilateral que envolve alternância da atenção, mas só pode ser completamente compreendida se for assumido que é realizada por agentes intencionais.

Para alcançar a atenção conjunta, o agente precisa entender, monitorar e direcionar as intenções que perpassam o comportamento atencional do outro agente. Por ser um aspecto de fundamental importância no desenvolvimento da cognição social, os autores acima pontuam alguns pré-requisitos necessários para o estabelecimento deste *input* linguístico, a saber: acompanhar a atenção de outro agente; manipular o comportamento atencional de um agente, através de gestos como apontar; coordenação



social, em que deve ser capaz de se engajar em interação coordenada com outros agentes e principalmente, os agentes precisam perceber a si mesmos e aos outros como agentes intencionais.

A intencionalidade só irá aparecer no contexto da comunicação recíproca estabelecida entre mãe e bebê (Rochat, 2007). Será por volta dos dois meses de vida que o bebê se tornará mais social. Sorrisos, choros, vocalizações e o contato ocular irão promover o que Lampreia (2008) denomina de “senso de contingência”, isto é, uma relação temporal próxima e dependente entre seu comportamento e a resposta da mãe. Esta é a base para a comunicação intencional, que ainda é eminentemente afetiva.

Logo, na escala do desenvolvimento infantil, até os três meses de vida, a comunicação dos bebês será basicamente do tipo que envolve o olhar mútuo, que promove uma breve identificação com as pessoas e as chamadas protoconversações (Trevarthen, 1979) que irão persistir até os nove meses de vida.

De acordo com Silva e Salomão (2002), nos primeiros meses de vida, os bebês tendem a responder a estímulos ambientais através de comportamentos reativos, como o ato de observar, comportamento este que é considerado como a principal forma de participação do bebê nas interações proto-linguísticas. Aos seis meses, os bebês são capazes de discriminar a posição direita e esquerda e três meses depois, ou seja, aos nove meses, são capazes de se fixarem nos primeiros objetos visualizados, seguindo da possibilidade de imitar as ações dos adultos (Tomasello, 2003).

Aos nove meses, os bebês vão trazer objetos para dividir a atenção e vão checar se os outros estão atentos ao que estão fazendo. Esta integração dos outros à exploração dos objetos é um importante fator na emergência da referência social,

no qual o bebê ativamente age a fim de incorporar a visão do outro e a atenção naquilo que está fazendo (Rochat, 2007).

Trata-se do período designado como intersubjetividade primária. Neste, o bebê engaja-se em interações diádicas, face a face com a mãe, através das protoconversações. Somente após este momento, isto é, na fase de intersubjetividade secundária é que as interações passam a ser triádicas, incluindo um terceiro objeto e o compartilhamento da atenção com relação ao mesmo. Esta segunda fase, segundo Lampreia (2008), possibilita a base para o desenvolvimento dos símbolos. Destaca-se, pois, que a comunicação durante episódios de engajamento conjunto parece também facilitar a compreensão de símbolos por parte do bebê (Adamson, Bakeman & Deckner, 2004).

Seguindo na linha do desenvolvimento, ao completarem 12 meses, os bebês já são capazes de fixar o olhar em qualquer objeto e de compreender a diferenciação entre os meios e os fins. De acordo com Lampreia (2008), o bebê de 12 meses é capaz de seguir a atenção do adulto por meio da ação de seguir o apontar ou a direção do olhar do mesmo, olhando para o alvo indicado e de volta para o adulto, conferindo se atingiu o alvo indicado. Trata-se da função declarativa, na qual o bebê alterna o olhar a fim de que o adulto preste atenção. Neste período o bebê passa a atribuir significado ao comportamento do adulto.

Já a capacidade de dirigir a atenção do adulto consiste na função imperativa que aparece por volta dos 13 meses de idade, quando o bebê faz uso de gestos comunicativos e do ato de apontar. Destarte, a atenção compartilhada, termo usado pela autora citada, envolve estes dois tipos de comportamento.

Concorda-se com Seidl de Moura e colaboradores (2008) que é de suma





importância o conhecimento que os acompanhantes têm sobre as competências dos bebês, visto que este conhecimento pode vir a influenciar na atribuição de significados às ações infantis por parte do acompanhante, o que, conseqüentemente, pode influenciar tanto no tipo quanto na qualidade da interação verbal estabelecida com o bebê. Isto porque considera-se que por meio das interações socialmente estabelecidas com as mães, as vocalizações do bebê irão se transformar em gestos vocais dotados de intenção comunicativa e significativa (Lampreia, 2008).

Nesse sentido, as interações diádicas vão, aos poucos, se modificando e passando a se constituir tanto de objetos quanto de pessoas, o que irá resultar em cenas de atenção conjunta, conforme assinalado por Tomasello (2003, p.136):

A compreensão que a criança tem de uma cena de atenção conjunta inclui como elemento fundamental a própria criança e seu papel na interação, conceituado do mesmo ponto de vista 'externo' que a outra pessoa e o objeto, de modo tal que todos estejam num formato representacional comum – o que se revela de crucial importância no processo de aquisição de um símbolo linguístico.

São, portanto, por meio das cenas de atenção conjunta que as bases sociocognitivas necessárias para a comunicação simbólica se estabelecem. Desse modo, para adquirir o uso convencional de um símbolo linguístico, a criança terá que ser capaz de determinar as intenções comunicativas do adulto.

Ao envolver-se em um processo de imitação com inversão de papéis, haverá a possibilidade de utilizar o novo símbolo em relação ao adulto da mesma maneira e com o mesmo propósito comunicativo utilizado pelo adulto em relação à criança (Tomasello, 2003). Segundo o autor supracitado, a referência linguística, como

o ato de apontar, consiste em um ato social e só é compreendida dentro das cenas de atenção conjunta.

Lampreia (2008) afirma que a passagem de um uso não referencial de um som (sinal convencional) ao seu uso referencial (símbolo) se dá a partir de um processo de descontextualização deste uso inicial. Será no contexto de cenas de atenção conjunta, as quais envolvem atividades estruturadas, que a criança irá extrair o significado do símbolo linguístico.

Com efeito, um estudo clássico foi desenvolvido por Bakeman e Adamson (1984) com bebês de seis a dezoito meses, a fim de compreender a coordenação da atenção para com pessoas e objetos. Participaram do estudo 28 bebês que foram observados em suas residências domiciliares, com uma duração entre 1 hora e meia até duas horas. Às mães foi informado que o interesse consistia em observar bebês saudáveis e o desenvolvimento da comunicação destes com adultos e com seus pares.

Houve três condições para cada sessão, com 10 minutos para cada uma: mãe-bebê; bebê-par e bebê sozinho. A partir destas condições, foram formuladas as seguintes categorias: não-engajamento; *onlooking* – o bebê observa, mas não participa; engajamento pessoal – face a face; engajamento com objetos – só brinca com o objeto; engajamento mútuo passivo – bebê e outro estão envolvidos com o mesmo objeto, mas parecem não se importar com o outro e por fim, a categoria engajamento coordenado. Vale ressaltar que nem todos os bebês foram observados em todas as situações e em todas as idades.

Os dados revelaram que o engajamento mútuo aumentou com a idade; o engajamento pessoal diminuiu com a idade; e o engajamento com objeto, *onlooking* e engajamento mútuo passivo não mudaram com a idade. O engajamento mútuo e o engajamento



mútuo passivo apareciam com mais frequência quando os bebês brincavam com as mães.

Os resultados sugerem que brincar com objetos foi tanto um antecedente como uma consequência do engajamento passivo como também do engajamento conjunto. Isso significa dizer que a aquisição do engajamento mútuo tem uma importância particular porque promove o *setting* social para a emergência de novas formas de comunicação referencial. Comunicar-se com outros sobre objetos demanda atenção tanto para os aspectos sociais dos objetos como para o contexto.

Com base nestes achados, os autores concluíram que as mães podem fornecer subsídios para o desenvolvimento das habilidades precoces dos bebês, sobretudo no que diz respeito à oferta de objetos presentes na interação social. Também foi possível perceber que assim que as capacidades atencionais se desenvolvem, mesmo os pares inexperientes podem ser parceiros apropriados para o exercício dessas capacidades.

De acordo com Braz e Salomão (2002), são nos contextos de atenção conjunta que as diversas intenções comunicativas e ações verbais se aprimoram, dando oportunidade à criança de estabelecer gradativamente um paralelismo entre os objetos, ações e seus referentes linguísticos.

Um estudo realizado pelas autoras citadas, com 16 díades, com bebês entre os 24 a 30 meses, cujo objetivo foi verificar a frequência de períodos de atenção conjunta em um contexto de brincadeira livre, em função do gênero da criança, mostrou que o contexto interativo pode auxiliar a díade na interpretação de eventos, dos dados linguísticos e das ações que compõem uma interação.

A pesquisa supracitada revelou que durante os contextos de atenção conjunta podem ser observados enunciados que auxiliam a mãe a manter e a direcionar a atenção da criança. Esses enunciados

possuem um caráter eminentemente diretivo, os quais foram observados mais nas mães dos meninos.

As estratégias usadas para redirecionar a atenção da criança foram: diretivos, solicitações e informações. Estas últimas foram acompanhadas por gestos diretivos como apontar e mostrar, auxiliando as mães a reiniciar uma atividade conjunta com as crianças. Nas crianças, percebeu-se o uso de falas espontâneas, acentuando a participação no contexto.

As autoras concluíram que os episódios de atenção conjunta podem promover a aquisição da linguagem infantil porque esses tipos de interações sociais ajudam a criança a identificar um objeto e seu referente linguístico. Os resultados mostraram que todas as díades apresentaram períodos de atenção conjunta e não houve diferença significativa em relação aos períodos de atenção conjunta entre os dois grupos, isto é, o grupo de díades cujos filhos eram meninos e o grupo de díades cujos filhos eram meninas.

Destaca-se o objetivo do presente ensaio, qual seja, o de apresentar de forma breve a importância da atenção conjunta para o desenvolvimento sociocognitivo infantil, sobretudo para a aquisição da linguagem. Com base nos pressupostos dos sociointeracionistas Bruner (1997) e Tomasello (2003), a presença da atenção conjunta no início do desenvolvimento infantil será um diferenciador para a aquisição linguística, uma vez que promove o estabelecimento de um foco conversacional, através de um contexto comum tanto à criança quanto à pessoa com a qual se relaciona.

Ademais, a importância destas informações reside fundamentalmente na possibilidade de elaborar programas de intervenção que possam subsidiar as interações sociais entre a díade mãe-criança e que destaquem as estratégias maternas que facilitam e promovem o engajamento infantil.





## THE IMPORTANCE OF JOINT ATTENTION CONTEXTS FOR CHILD SOCIAL COGNITIVE DEVELOPMENT

### ABSTRACT

This essay aims to reflect on aspects related to child social cognitive development, focusing on language development and the relationship established with joint attention contexts. Based on a social interactionism perspective, for language to be acquired, social interactions between adult and child are necessary. Joint attention happens when in a dyadic relationship, the focus of attention is divided towards an event or object outside the relationship. It is through the scenes of joint attention that the socio-cognitive bases needed for symbolic communication are established. Studies show that contexts of joint attention act as predictors in language development. Therefore, the presence of joint attention in early childhood development will be a differentiator for language acquisition, since it promotes the establishment of a conversational focus, through a common context, concerning both the child and the person to whom it relates.

**Keywords:** joint attention, language, social interaction.

**Artigo submetido para publicação em:** 01/03/2012

**Aceito em:** 13/11/2012

### REFERÊNCIAS

- ADAMSON, L.B; BAKEMAN, R; DECKNER, D. F. (2004). **The development of symbol-infused joint engagement.** Child Development, v.75, p.1171-1181.
- AQUINO, F; SALOMÃO, N. M. R. (2009). **Contribuições da habilidade da atenção conjunta para a cognição social infantil.** Psicologia em Estudo, v.14, n.2, 233-241.
- BAKEMAN, R; ADAMSON, L. (1984). **Coordinating attention to people and objects in mother-infant and peer-infant interaction.** Child Development, v.55, p.1278-1289.
- BATES, E; DALE, P; THAL, D. (1997). **Diferenças individuais e suas implicações para as teorias do desenvolvimento da linguagem.** In P. Fletcher & B. MacWhinney (Orgs.), *Compêndio da linguagem da criança* (pp. 87-130). Porto Alegre: Artes Médicas.
- BORGES, L; SALOMÃO, N. (2003). **Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social.** Psicologia Reflexão e Crítica, v.16, n.2, 327-336.
- BRAZ, F; SALOMÃO, N. (2002). **A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações.** Psicologia Reflexão e Crítica, v.15, n.2, p.333-344.
- BRAZ, F; SALOMÃO, N. (2002). **Episódios de atenção conjunta em um contexto de brincadeira livre.** Interações, v.7, n.14, p.85-104.
- BRUNER, J. (1997). **Atos de significação** (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- KAPLAN, F; HAFNER, V. (2006). **The challenges of joint attention,** Interaction Studies, v.7, n.2, p.135-169.
- LAMPREIA, C. (2008). **O processo de desenvolvimento rumo ao símbolo: uma perspectiva pragmática.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.60, n.2, p.117-127.



- PÉREZ-PEREIRA, M. (2004). **Desenvolvimento da linguagem**. In C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação*. (D. V. de Moraes, Trad.). (pp.160-180). Vol.1; 2ª Ed., Porto Alegre: Artmed.
- PINE, J. M. (1994). **The language of primary caregivers**. In C. Gallaway & B. J. Richards (Orgs.), *Input and interaction in language acquisition* (pp. 15-37). London: Cambridge University Press.
- RESCORLA, L. (1989). **The language development survey: a screening tool for delayed language in toddlers**. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v.54, 587-599.
- ROCHAT, P. (2007). **Intentional action arises from early reciprocal changes**. *Acta Psychologica*, v.124, p.8-25.
- SILVA, M; SALOMÃO, N. (2002). **Interações verbais e não verbais entre mães-crianças portadoras de síndrome de down e entre mães-crianças com desenvolvimento normal**. *Estudos de Psicologia*, v.7, n.2, p.311-323.
- SEILD DE MOURA, M. et al. (2008). **Interações mãe-bebê de um e cinco meses de díades urbanas: aspectos afetivos, comportamentos, complexidade e sistemas parentais predominantes**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.21, p.66-73.
- SNOW, C. (1997). **Questões no estudo do input: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias**. In P. Fletcher & B. MacWhinney (Orgs.), *Compêndio da linguagem da criança* (pp. 153-163). Porto Alegre: Artes Médicas.
- TOMASELLO, M. (2003). **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução Cláudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes.
- TREVARTHEN, C. (1979). **Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity**, In M. Bullowa, ed., *Before Speech*, Cambridge University Press, pp. 321—348.